

ENTRE MISSÃO E DESILUSÃO: MODERNIZAÇÃO E URBANIZAÇÃO DO RIO DE JANEIRO NO INÍCIO DO SÉCULO XX ATRAVÉS DA LITERATURA DE LIMA BARRETO.

Gislaine Martins Leite¹

Orientador professor Dr. Luiz Carlos Bento

RESUMO

Esse artigo discute a percepção do processo de modernização do Rio de Janeiro, no início do século XX, pelo escritor Lima Barreto, identificando e problematizando em sua obra como a modernização afetou a vida da população pobre da cidade carioca ao mesmo tempo em que os excluía desse processo. Sua literatura de oposição vista com desdém pela maioria dos literatos de seu tempo foi por muitas décadas esquecida e rejeitada, sendo retomada com ênfase pela nova historiografia brasileira por possibilitar a crítica a uma visão hegemônica. Lima Barreto usou sua literatura para denunciar os problemas da população pobre do Rio, que também eram enfrentados por ele próprio, um intelectual negro e pobre frente a inúmeras questões discriminatórias. Com estilo próprio, onde ficção se confunde com a História do país e de sua vida, Lima Barreto constrói uma literatura original e crítica, que nos permite observar o outro lado da modernização.

Palavras-chave: Lima Barreto, modernização, Rio de Janeiro.

ABSTRACT

This article discussed the perception of the process of modernization of Rio de Janeiro, at the beginning of the 20th century, by the writer Lima Barreto, identifying and problematizing in his work how modernization affected the life of the poor population of the city of Rio de Janeiro, while excluding them from this process. His opposition literature, seen by most of the literati of his time, was for many decades forgotten and rejected, and he was revived with emphasis by the new Brazilian historiography for enabling criticism of a hegemonic view. Lima Barreto used his literature to denounce the problems of the poor population of Rio, who were also faced by himself, a black intellectual and poor faced with numerous discriminatory issues. With his own style, where fiction is confused with the history of the country and his life, Lima Barreto constructs an original and critical literature, which allows us to observe the other side of modernization.

Keywords: Lima Barreto, modernization, Rio de Janeiro.

¹ Artigo apresentado como requisito final para aprovação na Pós Graduação em Metodologia e Ensino de História da UFMS campus de Coxim. E-mail: gislaine.m.leite@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O século XIX sediou as primeiras discussões acerca da construção da História e identidade brasileira, os pensadores a frente desse projeto, membros da elite brasileira, buscavam consolidar o Brasil no caminho do progresso que entoava no mundo, tendo como grande espelho as nações europeias. Analisando as teorias raciais e o modo peculiar como as mesmas foram utilizadas por esses pensadores, cada um à sua maneira, podemos perceber o grande desafio que esses homens traçavam para fazer do Brasil um país moderno e civilizado ao molde europeu. A visão negativa em relação ao negro, mestiço e índio, foi retratada em dezenas de estudos e obras da época, característica dominante, que clamava pelo branqueamento da população como única salvação do futuro da nação.

Essa característica perdurou mesmo após o fim do sistema escravista, e trazia mais insegurança a essa elite de intelectuais, que via essa parcela da população agora livre como ameaça à ordem e ao processo de modernização do país. Se o modelo que buscavam era a semelhança com a Europa, o que não se encaixava nesse padrão deveria ser mascarado, excluído. Assim podemos observar uma grande influência dessa visão pessimista em relação ao negro nas obras escritas no país no século XIX e primeira metade do século XX.

Este artigo toma como problemática a produção intelectual de Lima Barreto (1881-1922), um autor que se opunha a essa maioria de escritores e a todo um modelo de pensamento hegemônico. Sua literatura demonstrava e denunciava a situação de exclusão que o negro sofria, retratando os problemas sociais no Brasil do começo do século XX pelo olhar de quem sentia na pele a discriminação.

Um dos primeiros escritores a se assumir como negro, Lima Barreto abre novas possibilidades de reflexão sobre o processo de modernização das cidades brasileiras. Tomando sua literatura como fonte, entendemos que é possível perceber como foi sentido esse processo para quem não estava à frente dele e recebiam apenas seus efeitos negativos.

A renovação da prática histórica na segunda metade do século XX, que buscava a superação da pesquisa historiográfica quantitativa focada nas estruturas econômicas e demográficas, possibilitou um crescimento significativo na adoção de inúmeras e variadas fontes históricas pelos historiadores. Amparada pela crescente da História Cultural, a utilização da Literatura como fonte histórica possibilitou ao pesquisador novas perspectivas que se aproximavam da necessidade de explorar a história das mentalidades e da representação que se escondia por trás da ficção.

Ao buscar na literatura a fonte para realização dessa problematização histórica à descoberta de um novo olhar para a modernização do início do século XX, percebendo a literatura como ficção e ao mesmo tempo como representação da realidade de mundo do indivíduo, imagem que nem sempre encontramos na historiografia do período, pois como bem coloca Nicolau Sevcenko a literatura é testemunho de seu tempo, mas nem sempre retrata os processos históricos do passado tal como conhecemos no presente, pois, “Ela é testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos.” (SEVCENKO, 1985, p. 21).

E a literatura de Lima Barreto acomoda esses aspectos, uma crítica solitária que contrariava os anseios da elite, aliada a tristeza desiludida com a decepção diante da República, resultaram em um escrita forte e de oposição, sua literatura era sua arma e escudo e representa muito de sua realidade, ou seja, da realidade de seu tempo histórico, até porque, como evidencia Roger Chartier, “...não há prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e afrontadas, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido a seu mundo.” (CHARTIER, 2002, p. 66)

Ainda que a obra de Lima Barreto esteja intrinsecamente ligada a sua vida pessoal, sendo possível até mesmo identificá-la em sua escrita, não se pode tratá-la como algo real e concreto; sua literatura ficcional estimulada pelo seu mundo social, deve ser compreendida com auxílio dos estudos acerca da representação, problematizando-a e analisando a maneira como esta é expressa, pois como elenca Chartier a representação expressa duas características,

...manifesta uma ausência, o que supõe uma clara distinção entre o que representa e o que é representado; de outro, a representação é a exibição de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa. (CHARTIER, 2002, p. 74)

Cabe ao historiador através da sensibilidade investigativa compreender as ausências e as pretensões do que se quer mostrar em uma obra. Essas “pretensões” de Barreto eram evidenciadas nos dilemas vividos por seus personagens, onde mergulhava no imaginário do indivíduo pobre da Primeira República, denunciando a exclusão que essa população enfrentava no seu dia a dia. Seu ato de escrever era acompanhado de um dever, uma missão de comprometimento para com a sociedade.

É nesse contexto que o presente artigo busca sua problematização, um olhar através da perspectiva de um escritor pobre e negro diante da face perversa da modernização brasileira, que provocou um processo de exclusão da população pobre da parte desenvolvida da cidade, deixando marcas profundas na cidade do Rio de Janeiro, mas também numa perspectiva mais alargada em nossa sociedade, visto que modernização e urbanização são fenômenos sociais que perpassam com base em tempos e modelos diferentes, grande parte do Brasil e da América Latina no decorrer do século XX.

I - LIMA BARRETO E A MISSÃO DE SUA LITERATURA

Se me esforço por fazê-lo literário é para que ele possa ser lido, pois quero falar das minhas dores e dos meus sofrimentos ao espírito geral e no seu interesse, com a linguagem acessível a ele. (...) Mas, não é a ambição literária que me move a procurar esse dom misterioso para animar e fazer viver estas pálidas Recordações. Com elas, queria

modificar a opinião dos meus concidadãos, obrigá-los a pensar de outro modo; a não se encherem de hostilidade e má vontade quando encontrarem na vida um rapaz como eu e com os desejos que tinha há dez anos passados. (BARRETO, n.d., p. 64)

Quando mergulhamos nos caminhos e descaminhos do narrador e protagonista Isaías do livro *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, percebemos que escrever para ele é mais que uma produção artística ou mero registro biográfico; suas “Recordações” tinham um propósito social, e carregavam com elas todas as mazelas que o escritor havia passado em sua trajetória, denunciando as injustiças e preconceitos afim de iniciar através da reflexão de quem o lê, uma mudança de sentido. Não é à toa que após a publicação do romance, críticas maciças à obra caíram sobre Lima Barreto, a estória muito próxima a do autor fora apontada como uma “quase biografia”, sendo que alguns dos personagens evidentemente remetiam a personalidades reais da imprensa da época, fazendo com que Barreto acumulasse sanções e desdenho por grande parte da crítica jornalística carioca.

Essa intencionalidade na fala de Isaías Caminha acomoda uma característica marcante na obra de Lima Barreto, que via a literatura como uma missão de vida, um propósito a qual se dedicou inteiramente. Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro no dia 13 de maio de 1881, filho de pais que tinham um grande diferencial para a época, eram instruídos pertencendo a uma família mulata e pobre. O pai, João Henriques, era tipógrafo da Imprensa Nacional e após a morte da esposa, a professora primária Amália, quando Lima Barreto tinha apenas sete anos, assumiu sozinho a tarefa de cuidar da família.

Essa trajetória familiar serviu de base para a grande dedicação que Lima Barreto tinha em tornar-se um grande intelectual, passando por internatos para instrução inicial, entra em 1897 para a Escola Politécnica onde estuda Engenharia civil. O contato com alunos e professores brancos pertencentes a camadas sociais mais elevadas foi marcado por situações de preconceito e exclusão denunciados mais tarde em suas obras. A conclusão do curso nunca foi possível, pois quando o pai adoece em decorrência de loucura, Lima Barreto se vê na obrigação de cuidar dos irmãos, e após assumir o pequeno cargo

concurado de amanuense da Secretaria de Guerra, abandona os estudos de Engenharia e se muda com a família para o subúrbio do Rio de Janeiro.

Nos subúrbios do Rio no começo do século XX viviam em sua maioria negros e pobres, muitos deles ali residindo após as inúmeras reformas políticas, principalmente dos prefeitos Barata Ribeiro e Pereira Passos que instituíram ações afim de modernizar a cidade do Rio, entre elas a desapropriação e destruição de cortiços que se localizavam próximos ao centro da cidade. Nesse ambiente suburbano cheio de contradições Lima Barreto pôde conviver mais intimamente com inúmeras histórias de pessoas que assim como ele, tinham um cotidiano de luta e superação, experiências presente em sua obra que fez do subúrbio do Rio o palco preferido dos cenários de sua escrita.

É nesse período que o autor inicia sua trajetória na literatura, sua primeira versão do romance inaugural *Clara dos Anjos* narra a estória de uma mulata pobre, seduzida e abandonada pelo galanteador Cassi Jones. Na trama Lima Barreto aborda inúmeros dilemas enfrentados pelo negro na sociedade carioca, característica marcante em suas obras. Sua vida marcada por lutas e preconceitos, proporcionou a composição de uma escrita afiada, não se tratava apenas de uma produção ficcional, era uma missão de vida, assim como na fala de Isaías Caminha que inaugura essa discussão, o autor propõe uma reflexão sobre as mazelas sociais enfrentadas pelos negros do Brasil.

A literatura forte e oposicionista de Lima Barreto contrapõe-se ao conhecimento dominante de uma literatura e de uma história feita e consagrada pela elite brasileira do início do século XX, uma visão rebuscada que não dá conta de responder perguntas relacionadas com questões culturais e com a mentalidade das camadas menos favorecidas, e que fosse capaz de elaborar “*uma história vista de baixo*”², que nos revelasse aspectos do cotidiano de uma parcela da população que foi na maioria das vezes estereotipada ou ignorada.

2 O conceito “História vista de baixo”, através do pensamento de Jim Sharpe no livro organizado por Peter Burke “A escrita da História”, surgiu na segunda metade do século XX como oposição à História das elites, focada nas fontes documentais das grandes personalidades políticas e econômicas. A História vista de baixo, busca resgatar a escrita historiográfica dos homens e mulheres comuns, cuja as

Ao realizar a reflexão da obra de Lima Barreto o que se busca é aproximá-la da produção historiográfica, pensar o autor como um escritor-historiador, que compreende os problemas de seu tempo e seus desdobramentos na vida cotidiana das pessoas. Não que sua obra literária seja um documento fidedigno, real da sociedade em questão. Não, a obra literária é subjetiva e reflete as representações da realidade social, mas é um material rico que possibilita conhecer algo que a historiografia do começo do século não foi capaz de alcançar, momento histórico este, onde História e Literatura caminhavam lado a lado, influenciadas ainda pelo sentimento surgido no século XIX de se instituir e fortalecer a identidade brasileira.

A história literária brasileira traz, desde os primeiros esboços no romantismo, a definição de uma entidade abstrata corporificada nas obras, criações individuais que refletiriam um “caráter” ou “espírito” coletivo: o ser nacional. (...) A história literária se torna sinônimo mais ou menos difuso desse ser, com a função de apresentar a identidade coletiva do povo brasileiro. (VENTURA, 1991, p. 166)

Além do sentimento nacional, progresso e modernização do país estavam sempre na pauta das criações literárias, as influências do evolucionismo e teorias raciais impulsionavam uma escrita que dialogava com as ciências naturais e métodos científicos. Essa produção centralizada em sua maioria na capital do Brasil, Rio de Janeiro, tinha como perfil de seus criadores homens da elite brasileira, que buscavam uma escrita rebuscada que remetesse ao estilo europeu. Essa característica nos ajuda a entender o porquê da obra de Lima Barreto ter sido tão criticada e desqualificada, onde “a descrição do passado se restringiu ao cânone das obras e escritores consagrados pela tradição, o que levou à exclusão dos textos divergentes do modelo dominante de literatura.” (VENTURA, 1991, p. 164)

Havia entre os intelectuais brasileiros um claro engajamento nas questões políticas do país, e após o advento da República ficou claro a uma grande parcela desses homens que nenhuma mudança significativa ocorreria. Mas o crescimento econômico que a capital do Brasil experimentava trazia certo

experiências eram ignoradas ou interpretadas de maneira homogeneizantes pelos historiadores. Esse termo usado em 1965 no artigo “The History from Below” por Edward Thompson na The Times Literary Supplement, passou a ser tema presente nas discussões sobre História.

consolo à decepção com o novo regime político, esse crescimento fez a produção intelectual também se expandir e se adaptar as novas necessidades que a aceleração do ritmo de vida exigia. O crescimento da imprensa proporcionou aos literatos brasileiros que sofriam com a escassez de leitores, dado o grande número de analfabetos, uma perspicaz oportunidade de produzir, mas também significou certa subordinação intelectual a indústria em ascensão da Imprensa.

Lima Barreto satiriza essa dominação: “Era a Imprensa, a Onipotente Imprensa, o quarto poder fora da Constituição!” (BARRETO, n.d., p. 99), poder que seduz o personagem Isaías Caminha afastando-o de seu ideal de intelectual. A crítica agressiva de Barreto à Imprensa e a produção literária do Rio, para ele fundamenta-se principalmente porque “a literatura brasileira contemporânea carecia de humanidade, de uma análise da atualidade brasileira e de uma qualidade épica.” (OAKLEY, 2011, p. 28)

Dessa maneira, Lima Barreto dividia seu tempo entre o cargo público de amanuense e sua produção literária, mas foi escrevendo crônicas e contos para jornais e pequenos periódicos da época, que possibilitou ao autor uma maior visibilidade na sociedade carioca, essas publicações repletas de crítica social e política, como elenca Lilia Schwarcz, fez com que Barreto ganhasse a “imagem de maldito e de voz destoante.” (SCHWARCZ, 2010, p. 37)

Estas características e seu estilo de escrita, contrastavam com a dos outros literatos da época e fazia sua literatura andar na contramão das demais produções, sem prestígio perante seus pares Lima Barreto lutava arduamente para publicar suas obras e fazer-se reconhecido como intelectual, frustrado na tentativa de fazer parte do restrito círculo de letrados da Academia Brasileira de Letras, retratava com ironia essas constantes reprovações dos críticos literários, “Sábio é aquele que escreve livros com as opiniões dos outros.” (BARRETO, 1952, p. 139)

Se em seu tempo histórico sua produção foi menosprezada e até ignorada, hoje sua obra nos traz inúmeras descobertas e interpretações. Um conhecimento histórico rico que demonstra aspectos sociais e individuais da população pobre do Rio de Janeiro diante do processo de modernização da

cidade. Esse olhar do historiador às minorias nos processos históricos é de importância significativa para compreendermos inúmeros problemas sociais atuais.

Se a História sempre caminha para novas interpretações, pois adquirir novas necessidades a partir da mudança temporal, o presente sempre trará novos objetivos e indagações, e o historiador através de sua sensibilidade investigativa deve dialogar com seu objeto buscando acrescentar algo de relevante ao conhecimento sobre determinado período histórico.

Lima Barreto vivia o antagonismo de sua situação social, de ser negro e pobre em um período ainda fortemente influenciado pelas teorias raciais de inferioridade do não branco e imagem negativa do negro pós abolição e, de pertencer ao mundo prestigiado dos intelectuais, lugar onde se encontravam os principais nomes da elite brasileira.

Diferentemente de alguns intelectuais brasileiros negros que não assumiram uma posição engajada por sua cor e condição social, Lima Barreto colocava na dianteira de suas críticas as limitações e sanções que sofria em decorrência da sua cor. Esse paradoxo existencial em ser negro em um ambiente predominantemente branco transparecia a contradição em estar do lado contrário a uma elite intelectual a qual tentava pertencer.

Na obra de Lima Barreto é muito difícil de separar o que é ficção do que não é ficção, seus personagens intencionalmente poderiam ser figuras reais e retratavam conflitos e dilemas de seu próprio tempo. Nessa busca de se problematizar esse autor é necessário refletir sobre sua biografia e seu tempo, pois suas obras, consideradas por alguns críticos da época pouco criativas justamente por retratar problemas do presente, e simplesmente realistas, por outros, demonstram problemas de um período decisivo para o país. Sua realidade servia como motor de sua escrita, que longe de ser neutra e implícita, escancarava problemas que poucos ousavam denunciar.

II – TENSÕES SOCIAIS E MODERNIZAÇÃO DO RIO: A EXCLUSÃO DA POPULAÇÃO POBRE DO CENTRO DA CIDADE

Nota-se que em geral as grandes cidades, especialmente as europeias, não têm um fundo de cordilheira como a nossa. Ora, se as grandes cidades não têm tal disposição natural e se o Rio quer ser das grandes à europeia, deve arrasar as montanhas. Não há prejuízo algum com isso. A desvantagem única seria a supressão do Corcovado, montanha internacional e muito procurada pelos estrangeiros. Em substituição, pode-se erguer uma tórre semelhante à Eiffel, em Paris. Até será muito melhor, pois ficará o Rio de Janeiro muito parecido com a capital da França. O aterro, proveniente do desmonte dos morros, servirá para alterar a baía, um incômodo, sepulcro de crimes e cuja beleza, no juízo dos políticos, é uma vazia banalidade de retórica. Para o comércio, ficará uma doca; e lá para as bandas de Mauá um lagozinho destinado aos poetas. Nota-se também que as grandes metrópoles ficam sobre rios mais ou menos consideráveis (Paris, Berlim, Londres, New York, Viena, etc.) – logo se o Rio quer ser grande metrópole deve ficar à margem de um rio respeitável. (BARRETO, 1961, p. 119-120)

Esse trecho tirado do *Diário Íntimo* organizado e publicado após a morte de Lima Barreto, reflete a singularidade com que o escritor vislumbrava as transformações na cidade carioca do século XX. Enquanto que o apelo que se tinha era o de modernizar o Rio de Janeiro como espelho ao que ocorrera em Paris, para que a cidade pudesse assim alcançar e vivenciar também a *Belle Époque*, Lima Barreto conseguia perceber as contradições presentes nessa tentativa de se copiar um modelo que não se encaixava na realidade carioca.

Além das mudanças com o fim do sistema escravista e o advento da República no fim do século XIX, a capital do Brasil vivia um momento de intenso desenvolvimento, seu porto ocupava lugar de destaque entre o comércio mundial e as novidades e o aceleração do ritmo de vida do carioca modificavam o cotidiano e a estética da cidade. Era a *Belle Époque* brasileira, que clamava pelo progresso e modernização.

O governo e a elite se colocaram na dianteira dessas transformações para livrar o país do atraso imperial, era preciso um rompimento abrupto com o passado, agora o que interessava a essa parcela da população era o futuro, o

progresso. Para o autor Nicolau Sevcenko quatro princípios foram fundamentais para que esse processo não acarretasse resistências:

...a condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense. (SEVCENKO, 1985, p. 30)

Inúmeras restrições foram impostas à população carioca a fim de limitar sua autonomia cultural, o lema do poder público era a “regeneração” da cidade e de sua população. Proibições que vão desde manifestações de atividades populares como o candomblé, capoeira, jogo do bicho e atividade do mestre de obra à interferências mais íntimas como no vestuário e hábitos cotidianos, foram usados como mecanismos de controle e limitação. Essas mudanças no modo de vida das pessoas não passou despercebido pelo escritor Lima Barreto, saudosista do Império, dada sua decepção frente a República, via com tristeza esse abandono às tradições da cultura brasileira:

Como é que o povo não guardava as tradições de trinta anos passados? Com que rapidez morriam assim na sua lembrança os seus folgares e as suas canções? (...) Tornava-se preciso reagir, desenvolver o culto das tradições, mantê-las sempre vivazes nas memórias e nos costumes... (BARRETO, 1994, p. 32)

Para o sucesso desse projeto de modernização da cidade era necessário que a população também desejasse estar moderno, viver em uma cidade modernizada e desenvolvida, para a difusão dos benefícios da modernização da cidade a Imprensa e as obras literárias tiveram um importante papel, servindo como agente fortalecedor desse sentimento no imaginário da população do Rio, pois no início do século XX “Enquanto a “sciência” a tudo explicava, a imprensa veiculava e normalizava representações, transformando-as cada vez mais rapidamente em consensos coletivamente aceitos e assumidos.” (SCHWARCZ, 1987, p. 236)

Revistas e jornais publicavam inúmeros artigos, crônicas e contos a fim de demonstrar a população que a modernização era algo imprescindível, necessário a própria existência de civilidade na cidade, ao mesmo tempo essa

concepção reforçava a ideia cujo o que não se aproximasse dos padrões europeus era feio, decadente, bárbaro. Uma representação extremamente negativa do que se tinha na cidade após a Proclamação da República, como observamos em uma das crônicas da revista mensal *O Commentario*, onde o autor lamenta a discrepância entre o Rio de Janeiro e as cidades europeias:

Acabo de percorrer as cidades de Lisboa, Paris, Berlim, Londres, New-York, Chicago, Búfalo, S. Luiz, Philadelphia, e recolho-me envergonhado à minha cidade natal.

Chego a ter dúvidas sobre as vantagens da excursão que fiz pelo antigo e novo continente: condenado a viver aqui, não podendo retomar o meio ambiente, antes não conhecesse o que vai por esse mundo de Progresso e de Civilização! (Revista *O Commentario*. N. 5 2º série. Set. 1904, p. 46; Apud: NORONHA, 2009, p. 77)

Essa forma negativa de enxergar a cidade do Rio comparando-a com cidades europeias de grande destaque mundial era algo comum entre os escritores, e inúmeras publicações pejorativas e de alusão a essa “civildade estrangeira” reforçavam a assimilação dessa representação coletiva estereotipada da cidade, onde se abandonara especificidades e aspectos culturais próprios do lugar.

Em vários contos, crônicas e obras de Lima Barreto podemos refletir sobre o outro lado dessa representação, o autor que por várias passagens deixa transparecer seu sentimento pela cidade do Rio, era um grande saudosista e defendia a permanência de inúmeras construções antigas no centro da cidade. Em uma passagem do livro *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, o personagem o qual fala o título rebate as críticas do amigo após chamar o Rio de “estrambólico”, Gonzaga de Sá salienta as especificidades que fazem do Rio uma bela e autentica cidade

- Pense que toda cidade deve ter sua fisionomia própria. Isso de todas se parecerem é gosto dos Estados Unidos; e Deus me livre que tal peste venha a pegar-nos. O Rio, meu caro Machado, é lógico com ele mesmo, como a sua baía o é com ela mesma, por ser um vale submerso. A baía é bela por isso; e o Rio o é também porque está de acordo com o local em que se assentou. (BARRETO, 1961, p. 37)

“Assumir-se como é”, essa é uma frase norteadora do pensamento de Lima Barreto, assumir-se como negro, como pobre, e também assim pensava a

cidade, o Rio era belo porque era o Rio, com sua topografia peculiar, seus bairros mal dispostos, suas construções arquitetônicas antigas e novas, seus becos, tudo isso fazia parte do Rio e constituía sua imagem, que não precisava ser cópia de nenhuma outra civilização, bastava ser o Rio, belo também nas suas imperfeições, marcas de sua própria história.

É que o Rio de Janeiro não foi edificado segundo o estabelecido na teoria das perpendicularidades oblíquas. Ela sofreu, como todas as cidades espontâneas, o influxo do local em que se edificou e das vicitudes sociais por que passou, como julgo ter dito já. Senão é regular com a estreita geometria de um agrimensor, é entretanto, com as colinas que a distinguem e fazem-na ela mesma. (BARRETO, 1961, p. 37)

Essa forma de pensar a cidade evidencia um senso crítico de se pensar o seu tempo sem se contagiar com o pensamento hegemônico da época, Barreto acumula aspectos ímpares de sensibilidade de reflexão e compreensão das tensões as quais estava imerso.

Para acompanhar o desenvolvimento que o Rio de Janeiro vivenciava, reformas foram tomadas para modificar a cara da cidade, principalmente de ordem higienista e arquitetônica, o poder público e a elite defendiam a ideia de um novo Rio, aos moldes europeu, em oposição ao velho e ao que remetesse ao atraso, como explicita Sevcenko: “Somente oferecendo ao mundo uma imagem de plena credibilidade era possível drenar para o Brasil uma parcela proporcional da fartura, conforto e prosperidade em que já chafurdava o mundo civilizado.” (SEVCENKO, 1985, p. 29)

O progresso passou a ser um ideal extremamente cultuado pela burguesia e pela cultura política, e modificava rapidamente a imagem da cidade carioca. Sobre essas mudanças Lima Barreto pontua em suas anotações:

Saí e tomei um bonde e fui à Prainha. A rua está outra, não a conheci bem. Se os prédios fossem mais altos, eu me acreditaria em outra cidade. Estive na esquina dela com a avenida, a famosa avenida das indenizações, subi-a a pé, tomei pelo que resta de beco da rua da prainha, agora em alargamento, e segui pela Rua Larga de São Joaquim, prolongada e alargada até o Largo de Santa Rita. A rua quebra um pouco do primitivo alinhamento, mas mesmo assim ficará bela. Entretanto, como vêm de boa administração essas modificações, acredito que o Rio, o meu tolerante Rio, bom e relaxado, belo e sujo, esquisito e harmônico, o meu Rio vai perder, se não lhe vier em troca um grande surto industrial e comercial; com ruas largas e sem ele,

será uma aldeia pretensiosa de galante e distinta, como é o tal de São Paulo. (BARRETO, 2009, p. 81)

O olhar que Lima Barreto nos proporciona nos dá outra dimensão dessas mudanças, que afetavam o escritor despertando nele um sentimento de estranhamento em face desse novo Rio, quase irreconhecível. Esse estranhamento de Barreto reflete os esforços dos governantes de distanciar essa parcela da população dos centros “desenvolvidos das cidades”, como observamos nas desapropriações de moradias populares, como no cortiço Cabeça de Porco, para dar lugar às novas construções, “O Cabeça de Porco – assim como os cortiços do centro do Rio em geral – era tido pelas autoridades da época como um “valhacouto de desordeiros”.” (CHALHOUB, 1996, p. 16)

As pessoas que moravam no maior cortiço do Rio de Janeiro foram desabridas e expulsas de suas casas pelo poder público, não houve nenhuma preocupação com essa população, pra onde iriam e como viveriam, nos jornais as sátiras e ironias vangloriavam a vitória do prefeito Barata Ribeiro. Essa violência com que o poder público interferiu na vida dos moradores foi justificada pela “necessidade maior” de se modernizar os centros do Rio, uma necessidade pública urgente e não contestável.

Casarões antigos que serviam como pensões e uma quantidade significativa de prédios velhos que se situavam no centro ou próximo a ele foram levados a baixo, tudo em nome do progresso da cidade “Assistia-se à transformação do espaço público, do modo de vida e mentalidade carioca.” (SEVCENKO, 1985, p. 30)

A destruição do Cabeça de Porco inaugurou uma série de medidas institucionais de modificação do espaço, e a forma violenta com que o poder público interveio no cotidiano de sua população, é uma característica que perdura ainda hoje em nossa sociedade. Isso porque as classes pobres para os parlamentares brasileiros e a burguesia eram identificadas como “classes perigosas” como conceitua Chalhoub “...se segue como que naturalmente: os pobres carregam vícios, os vícios produzem os malfeitores, os malfeitores são perigosos à sociedade.” (CHALHOUB, 1996, p. 22)

Inúmeras questões históricas-sociais nos ajudam a compreender esse processo de violência e exclusão das camadas pobres do centro da cidade, as teorias raciais absorvidas pelos intelectuais brasileiros e escancaradas em suas obras, a recente escravidão e o estereótipo do negro, e as ideias eurocêntricas de modernidade defendidas pelo poder público e pela imprensa, serviram como “justificativas” dessas ações. As contestações eram mínimas e extremamente combatidas, como aconteceu com Lima Barreto, que entendia e refletia sobre os problemas que afligiam seu tempo, ficando praticamente a margem da intelectualidade consagrada da época.

Lima Barreto apresentava grande sensibilidade para os problemas que afligiam a população pobre do Rio de Janeiro, temas relacionados à discriminação racial e econômica permeavam sua obra com bastante destaque, sua escrita de oposição denunciava sem medo as injustas e discriminações que passara por causa de sua cor e origem pobre. Lima Barreto entendia como ninguém a condição de exclusão que o negro pobre vivia no começo do século e usou sua escrita como arma para denunciá-las. Também foi um grande crítico das teorias raciais que reproduziam o pessimismo ao não branco e com ironia desdenhou de grande parte das produções literárias de seu tempo, como podemos observar em seu conto patriotismo, do livro “*Bruzundangas*”:

Quanto à raça, os repetidores das estúpidas teorias alemãs são completamente destituídos das mais elementares noções da ciência, senão saberiam perfeitamente que a raça é uma abstração, uma criação lógica, cujo fim é fazer o inventário da natureza viva, dos homens, dos animais, das plantas e que, saindo do campo da história natural, não tem mais razão de ser. (BARRETO, 1952, p. 219)

Esse pensamento de Barreto representado e escancarado em sua obra mostra um perfil de intelectual que não só reflete sobre as teorias dominantes de seu tempo, como também se posiciona criticamente contra elas, esse perfil intelectual incomum nesse período se distancia de um número maciço de produções que buscavam soluções para a população brasileira através de teorias eugênicas e deterministas:

Com as conclusões evolucionistas, justificava-se o predomínio branco e a hierarquia social rígida. Utilizando um darwinismo sócio-biológico, explicava-se o “natural branqueamento” da população. Mas eram as teorias deterministas raciais que ajudavam a comprovar um certo

atraso, ou condenavam a mistura racial no país. (SCHWARCZ, 1993, p. 137)

Tensões e conflitos de ordem racial eram latentes no Rio de Janeiro no início do século XX, o fim da escravidão e o recente crescimento da capital brasileira gerava inúmeros dilemas às autoridades cariocas, era preciso instituir não só uma rotina prática de trabalho diário, era necessário também fortalecer inúmeros mecanismos de controle sobre essa população, de ordens práticas e ideológicas.

Se essa nova classe de trabalhadores não podia mais ser privada de sua liberdade através da posse e violência física, agora tinha que ser dominada pela esfera pública por intermédio de uma dominação ideológica e com imposições de ordem social. Sidney Chalhoub que estuda os trabalhadores do Rio de Janeiro no começo do século XX, aponta que a permanência do preconceito racial após a abolição se concretiza “por uma série de imposições propaladas de cima para baixo pelas classes dominantes quanto pelos ajustamentos dos populares às condições concretas de luta pela sobrevivência.” (CHALHOUB, 2012, p. 61)

Essa luta pela sobrevivência e por uma ascensão social evidenciam as tentativas de inclusão dessa parcela da população aos novos padrões cotidianos da modernidade buscada pelos governantes. Essa camada da sociedade composta por ex escravizados ou filhos de escravizados e libertos, agora desempenhava funções subalternas mal remuneradas.

Seus personagens despejavam críticas ásperas contra a elite da sociedade brasileira, e nos revelam problemas enfrentados por essa população pobre do Brasil e pelo próprio Lima, sendo possível reconhecê-lo em algum deles como no romance já citado *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* de 1909, esses problemas iriam além de questões econômicas, são conflitos internos e violências psicológicas que a maioria dos autores não compreendiam muito menos queriam enxergar. Problemas que assombravam Barreto, porque era também vítima deles. Em um trecho da obra, o autor descreve a trajetória do jovem mulato Isaías, que sai do interior rumo ao Rio em busca de tornar-se doutor passando por inúmeras situações de preconceito e exclusão, Barreto

descreve uma cena que poderia ter acontecido com muitos negros e com ele mesmo:

Na viagem sofreu o primeiro desgosto. Descera numa estação de parada para comer alguma coisa; quando pediu o troco, que demorava a ser dado, o balconista respondeu com rispidez, enquanto atendia polidamente um rapaz louro, que pedira a mesma coisa. A diferença de tratamento despertou um sentimento de revolta, que Isaías conteve, quase chorando. (BARRETO, s/d, p. 10)

A fala que segue após a ação demonstra a indignação do personagem com o preconceito e a diferença no tratamento dado a brancos e negros, uma revolta dolorosa na ficção de Lima Barreto e em sua realidade.

O contraste feriu-me, e com os olhares que os presentes me lançaram, mais cresceu a minha indignação. Curti, durante segundos, uma raiva muda, e por pouco ela não rebentou em pranto. Trôpego e tonto, embarquei e tentei decifrar a razão da diferença dos dois tratamentos. (BARRETO, n.d., p. 10)

Negro e pobre em um período de extrema exclusão, Barreto conseguiu se firmar como intelectual escrevendo inúmeras obras; desiludido com a República e amargurado pela sua situação de exclusão, fez de sua literatura um grito de desabafo, deixando transparecer em seus personagens dilemas que a população não branca e pobre enfrentava diante da modernidade brasileira, situações que por muito tempo ficaram apagadas de nossa historiografia.

CONCLUSÃO

A vida marcada por contradições levou Lima Barreto a ter uma escrita destemida e desafiadora, transitando entre a missão de sua literatura em escancarar os problemas sociais que ele e a população negra e pobre enfrentavam e a desilusão diante do fracasso da República e de sua consolidação como intelectual de prestígio, Lima se destaca hoje como um grande pensador social de seu tempo.

Em seus contos, crônicas e romances, temos contato com um mundo ignorado pela historiografia de seu tempo, encontrando percepções e

representações da realidade social do homem e mulher comum do início do século XX. A reflexão dos processos históricos, como a modernização, problematizando seus desdobramentos no cotidiano da população pobre e excluída, enriquece nosso conhecimento e nos proporciona refletirmos também sobre aspectos de exclusão que perpassam o tempo, pois nem sempre conseguimos compreender os desdobramentos de processos históricos analisando apenas um lado da História.

O enredo de suas estórias nos proporciona um palco de observações, os sofrimentos e angustias de seus personagens inspirados em suas próprias dores vão além de críticas a um sistema político. A literatura de Lima Barreto é extremamente rica quando analisamos o momento em que se fala e o lugar de onde se fala, características indelévels e indissociáveis ao historiador que reflete sobre sua escrita.

Quando entramos em sua trajetória de lutas e preconceitos por causa de sua condição social e sua cor, percebemos que escrever objetivando uma mudança na consciência social era a forma mais difícil de se consolidar como grande intelectual, mas nem por isso Lima Barreto se sujeitou aos valores hegemônicos de seu tempo, escancarando com ironias e desdenho questões raciais e discriminatórias, sofreu sempre duras críticas a sua forma e estética literária.

A literatura de Lima Barreto proporciona essa rica visão para compreendermos melhor como o processo de modernização da cidade do Rio de Janeiro significou uma exclusão do pobre do centro da cidade, onde mecanismos de dominação ideológica e de violência serviram de base para uma disputa desleal, travada entre poder público e população pobre das cidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Lima. In: Noronha, Carlos Alberto Machado. Lima Barreto entre lutas de representação: Uma análise da modernização da cidade do Rio de

Janeiro no início do século XX. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Ciências Humanas e Filosofia Programa de Pós-Graduação em História da EUFS. Feira de Santana, 2009.

BARRETO, Lima. Recordações do Escrivão Isaías Caminha. São Paulo: Editora Escala, n.d..

_____. Diário Íntimo: memórias. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.

_____. Clara dos Anjos. São Paulo: Scipione, 1994. (Col. Clássicos da Scipione).

_____. Bruzundangas. São Paulo: Ed. Mérito S.A, 1952.

_____. Triste Fim de Policarpo Quaresma. São Paulo: Scipione, 1994.

_____. Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.

_____. Contos Completos / Lima Barreto; organização e introdução Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BURKE, Peter. A Escrita da História: novas perspectivas; tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

CHALHOUB, Sidney. Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. 2 ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001.

CHARTIER, Roger. À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude/ Roger Chartier, trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

NORONHA, Carlos Alberto Machado. Lima Barreto entre lutas de representação: Uma análise da modernização da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de

Ciências Humanas e Filosofia Programa de Pós-Graduação em História da EUFS. Feira de Santana, 2009.

OAKLEY, Robert John. Lima Barreto e o destino da literatura. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. Organização e Introdução. In: BARRETO, Lima. Contos Completos de Lima Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Círculo do livro, 1987.

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2º Edição. São Paulo: Brasiliense, 1985.

VENTURA, Roberto. Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.